

A imaginação da materialidade e a materialidade da imaginação - a memória que percorre as cidades

Quais são os desígnios propostos pela História para pensar a relação entre pensamento e materialidade? Haveria alguma forma de olharmos para as ideias e traduzi-las em artefatos? Quais são os caminhos possíveis para a compreensão daquilo que a ideia colocou como marco de produção da vida urbana? Não haveria, por assim dizer, uma História que pudesse por à prova aquilo que a ideia não consegue concretizar, ou mesmo que a concreitude não consegue transparecer? Se tais perguntas são feitas durante o ofício de pensar as cidades, aqueles que o carregam consigo não o fazem sem a angustiante trajetória de olhar para trás e observar seu próprio mundo, que se transfigura a cada passo e se transforma a cada nova percepção. Pois a materialidade, em si, não é nada mais do que a representação, para cada um, do significado subjacente às experiências de vida. A cidade, pois, habita no imaginário de cada um.

Este dossiê proposto para a Revista Resgate, Revista Interdisciplinar de Cultura da Unicamp, busca discutir estes aspectos. Partindo do argumento de que as cidades são tão reais como imaginadas, convidou autores a submeterem artigos que refletissem o papel do pensamento sobre a cidade e o território – até que ponto este pensamento é capaz de criar novas materialidades e o que leva a que este fique preso apenas no mundo das ideias, sem qualquer possibilidade de personificação. Lançado o desafio, em novembro de 2018, a revista recebeu inúmeras contribuições, entre as quais foram selecionadas nove para compor este dossiê. Sob um olhar variado, os artigos aqui selecionados pretendem trazer, à luz da História, problemas contemporâneos acerca das narrativas sobre a cidade, o território e a construção dos seus ideários, considerando aspectos importantes da historiografia contemporânea como método para enfrentar a difícil tarefa de dialogar com o mundo presente e suas representações. Das abordagens às fontes utilizadas, os textos aqui apresentados podem abrir horizontes para a discussão dos métodos que buscam interpretar a relação entre o material e o imaterial, o real e o imaginário, o concreto e o fluido. Se tal frente de discussões se interpõe nas formas tradicionais de escrever a História, a forma de se enxergar o invisível, que está por trás das manifestações escritas ou nas tentativas de serem erigidas exige um esforço peculiar – o de deixar

transparente o que, em certa medida, se revela como opaco no mundo das construções e o de deixar concreto e visível aquilo que é translúcido, volátil, etéreo. Que mecanismos são esses que orientam o ofício de observar essas contradições que permeiam o exercício de tornar real o que ainda não se realizou?

Os quatro primeiros artigos do dossiê destacam a relação entre patrimônio cultural e memória, colocando em questão as medidas que levam os sítios históricos a se constituírem como bens patrimoniais e as ressonâncias destas medidas no imaginário de quem vive nos espaços “patrimonializados”. Não sem razão, os dois primeiros tratam de Brasília, a cidade ícone do planejamento urbano idealizado no auge do modernismo brasileiro. O artigo de Maria Fernanda Derntl, intitulado “Dos espaços modernistas aos lugares da comunidade: memórias da construção das cidades-satélites de Brasília”, busca evidenciar outras representações da capital brasileira partindo da análise de memórias recentes de migrantes que se estabeleceram nas cidades-satélites construídas na periferia. Ao transpor o foco das investigações, em geral, dirigidas ao plano piloto da capital federal, o artigo constrói uma narrativa a partir da dimensão subjetiva na assimilação de um patrimônio oficial para quem, desde cedo, não foi pensado para estar inserido nele. O artigo seguinte, de Daniela Pereira Barbosa, também traz à tona uma discussão sobre o ideário que constitui as políticas de tombamento patrimonial e a interpretação dos discursos subjacentes. Com o nome “O mito fundador de Brasília expresso em discursos patrimoniais: uma análise de processos de tombamento”, o artigo analisa o papel da construção do discurso patrimonial de três edificações tombadas pela administração pública local: o Catetinho, a Pedra Fundamental de Planaltina e a Casa da Fazenda Gama, revelando que a narrativa patrimonial utilizada visa glorificar a monumentalidade de Brasília apoiando-se em um patrimônio não monumental. Com o título “Patrimônio, geografia e paisagem: construindo estratégias de patrimonialização na Amazônia”, o artigo de Francisco Perpetuo Santos Diniz também discorre sobre a questão das políticas patrimoniais, questionando, neste caso, os mecanismos tradicionais que ainda insistem em compreender o patrimônio como artefato construído, sem considerar os aspectos totalizantes presentes na paisagem cultural, neste caso, no contexto amazônico. O autor nos provoca a pensar o sentido do patrimônio como um campo estático, ao desvelar que “a riqueza e a biodiversidade, as pluralidades culturais, os elementos naturais, o sincretismo religioso, os costumes, as lutas históricas contra o grande capital, constituem patrimônios subversivos que territorializam e desterritorializam paisagens a todo o instante”. O próximo texto, de autoria de Ana Carolina Oliveira Alves – “Civismo em debate no monumento à Revolución de Mayo: imaginário nacional em construção (Buenos Aires, Argentina)” – penetra nesta discussão sobre a identidade e o sentimento nacionalista frente a acontecimentos históricos importantes que conformam o imaginário de um povo. *A Plaza de*

Mayo, em Buenos Aires, envolve, segundo a autora, um processo de articulação direta entre narrativas identitárias de base simbólica do final do século XIX na aproximação do centenário da Independência. O concurso para a construção do monumento comemorativo no interior da praça evocou as concepções subjacentes sobre o espírito nacional que rondava o imaginário daqueles que se envolveram na competição. As representações traçam aqui uma figuração paralela, para além dos significados mais banais observados nos projetos dos monumentos.

Um segundo conjunto de artigos do dossiê concentra suas análises sobre São Paulo e suas localidades emblemáticas. A cidades de São Paulo e de Campinas do final do século XIX e início do XX são focalizadas nos três artigos que seguem, revigorando debates conhecidos, mas ainda férteis de serem explorados. Com o título “A narrativa visual do álbum F. Matarazzo & Cia Industriaes, 1904-1906”, o artigo de Elisa Pomari toma como principal fonte de referência e investigação um álbum fotográfico da família, hoje pertencente ao acervo iconográfico do Centro de Memória da Unicamp. A interpretação da iconografia, neste caso, acende novas luzes sobre aspectos da vida familiar em um curto período de dois anos, demonstrando como tais tipos de fontes podem ser reveladoras da conformação de fatos históricos cotidianos. Sob o título “A cidade e as escolas: a memória material e o monumento através das escolas Corrêa de Mello e Ferreira Penteado de Campinas na década de 1880”, o autor Munir Abboud Pompeo de Camargo analisa a construção de duas escolas, na década de 1880, em Campinas, observando de que forma se estabeleceu o diálogo entre esses edifícios e a malha urbana da cidade. Tomando dois edifícios escolares como focos da discussão, o autor defende que a arquitetura é produtora e é produzida do/pelo urbano, sendo tais edifícios possuidores de sentidos próprios que os ligam à memória da cidade. Em contraposição à riqueza produzida pelo café e o desenvolvimento capitalista crescente do estado de São Paulo, a sua grande Capital também guardava, desde estes tempos, traços de miséria que desfilava por suas ruas. É isso que o artigo “A cidade, o progresso e o espelho quebrado de Narciso: São Paulo entre a compaixão e o amor de si próprio (1890 a 1927)”, de Ricardo Santos da Costa, busca revelar. Ao lado da instituição de rígidos códigos e leis que procuravam dar ordem à vida nas ruas, o controle improvável da miséria que se produzia nos escombros da portentosa economia agroexportadora era alvo de medidas filantrópicas e remediadoras. Ao fim desta seção, está o artigo intitulado “Americana-SP, uma história entre rios”, dos autores Gabriela Simonetti Trevisan, Elisabete Carla Guedes, Jefferson Luis Rodrigues Bocardi e Mariana Spaulucci Feltrin. Tomando como base os escritos históricos de autores consagrados sobre a cidade de Americana, o artigo faz uma reflexão a partir de fontes historiográficas que revelaram algumas lacunas e novas descobertas, buscando trazer uma outra narrativa sobre os nomes e as datas registradas nos escritos anteriores.

Este número traz ainda três artigos que compõem a Seção Artigos e Ensaios. O primeiro, de autoria de Jacob dos Santos Biziack propõe uma leitura analítica da obra *A hora da estrela*, de

Clarice Lispector. Denominado “Enunciações e corpos que importam: uma leitura de Clarice Lispector”, o artigo busca pensar como o corpo da personagem central desta consagrada obra de Lispector, Macabéa, é elaborado pelo enunciador em relação ao espaço urbano e ao imaginário social nos procedimentos de significação. O segundo artigo desta seção, de autoria de Helder José Souza de Nascimento, Francisco de Souza Moraes e Áurea da Paz Pinheiro, coloca em evidência os modos de saber-fazer da vila de pescadores artesanais do município Luís Correia, no Piauí. Através de pesquisa oral e métodos etnográficos a investigação que deu origem ao artigo mostra o impacto da pesca e do turismo predatórios na região, o que vem comprometendo a permanência de mulheres e homens no território pesqueiro. O artigo busca revelar, além disso, a importância do inventário das artes de pesca para o conhecimento e ressignificação desta cultura ancestral. Por fim, o artigo intitulado “A estética da identificação comunicacional a dimensão sensível territorial na feira do Guamá, Belém-PA”, de autoria de Fábio Rodrigues de Moraes Xavier, propõe um conjunto de reflexões sobre as várias dimensões das estratégias de comunicação estabelecidas na feira do Guamá, na cidade de Belém, Pará. A sensibilidade interacional e a estética da identidade presentes na feira demonstram, para o autor, a essência do sentir em comum e a arte de viver.

Os editores agradecem a todos os autores e avaliadores que contribuíram e participaram do processo de edição deste fascículo e desejam a todos, uma boa leitura.

Prof. Dr. Sidney Piochi Bernardini (FEC/Unicamp)
Prof. Dr. Fernando Atique (EFLCH-UNIFESP).

Organizadores